

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM UM CONTEXTO MULTILÍNGUE

KASTELIC, Eloá Soares Dutra*

DINTER- Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Universidade Federal da Bahia

Esse artigo é uma proposta de doutoramento a ser desenvolvido no Programa de Letras da Universidade Federal da Bahia, na linha de Aquisição e Ensino do Português, o tema é “Ensino da Língua Portuguesa em um Contexto Multilíngue: a construção da identidade linguístico-cultural em uma micro-comunidade dos índios guaranis em Santa Rosa do Ocoi.

Evidencia-se que o ensino da língua portuguesa em um contexto multilíngue é uma prática no Oeste do Paraná, tendo em vista que se trata de uma região de fronteira (Brasil / Paraguai/ Argentina), onde convivem diferentes línguas: português, espanhol e guarani, principalmente. Entretanto, há pouca preocupação com a construção ou reconstrução da identidade linguístico-cultural, especificamente no trato com os índios Guaranis que vivem na comunidade localizada no município de São Miguel do Iguazu, Paraná. A escola a ser pesquisada é o Colégio Estadual *Teko Ñemoingo*, escola indígena bilíngue, conta com aproximadamente 220 alunos, crianças e adolescentes, com idade entre cinco e quatorze anos, distribuídas em turmas de Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), e há, ainda, Educação de Jovens e Adultos. Para essas turmas são ensinadas a língua guarani (como língua materna) e a língua portuguesa (como segunda língua) por um professor branco (como são chamados pelos guaranis).

A língua guarani é bastante cultivada nessa comunidade, principalmente pelas famílias que tentam manter a tradição indígena. No entanto, como estão circundados por falantes da língua portuguesa, tanto as crianças como os adultos têm um contato intenso com essa língua. Sobre línguas em contato, as autoras (CESAR; CAVALCANTI, 2007, p. 56) contribuem quando colocam que a língua enquanto conceito continua sendo, em essência, “objeto de estudo” que ainda atravessa o

discurso dos pesquisadores, sem, contudo sofrer uma discussão significativa de suas implicações sobre as populações indígenas. As autoras afirmam que a língua indígena é utilizada para refletir sobre identificação e etnia. Essa é uma prática de antropólogos e do órgão oficial indigenista. Cesar e Cavalcanti questionam que há reducionismo e interpretações equivocadas das questões como: a relação à língua e identidade étnica, e à mesclagem tão comum em contextos lingüísticos onde há diversidade e contatos intensos.

Tendo em vista essa realidade e reconhecendo a importância da preservação da língua, cultura e identidade de um povo, a pesquisa propõe observar as interações linguísticas na produção dos textos dos alunos indígenas com o objetivo de buscar elementos para detectar a existência ou não de deslocamento da língua portuguesa na língua guarani.

Nesse trabalho, além dos aspectos linguísticos, é importante marcar os embates que culminaram com alguns avanços, quando na Constituição Brasileira de 1988, os direitos dos índios foram contemplados de forma permanente, incentivando suas organizações sociais, suas línguas, culturas e tradições. Nesse sentido, as políticas públicas para educação dos povos indígenas legitimam a necessidade de refletir sobre as questões linguísticas e culturais. Diante dos aspectos observados, os questionamentos que orientam esta pesquisa, são: Nos textos produzidos em aulas de língua portuguesa, são possíveis perceber deslocamento da língua guarani na estrutura linguística do texto dos alunos indígenas?

Ao analisar a língua e a estrutura linguística do texto, a observação do comportamento linguístico dos guaranis em situações de letramento e o fazer do professor não-indígena, sua abordagem e exploração dos temas propostos para a produção do texto podem contribuir na compreensão e interpretação de determinadas marcas nos escritos dos alunos. São dois professores, um para o ensino da Língua Guarani e outro para a Língua Portuguesa. Esse fato demonstra como as duas línguas circulam no espaço escolar. Sobre a circulação da língua em um contexto mais amplo, o autor contribui quando coloca que [...] as outras línguas faladas no Brasil, como as línguas indígenas, por exemplo, foram sendo ignoradas através de medidas que fortaleciam a circulação da língua portuguesa (GUIMARÃES, 2008, p. 25).

Em uma perspectiva da sociolinguística, o comportamento linguístico dos guaranis transcende a sala de aula e as formas de trabalhar o ensino de língua podem

ter caminhos semelhantes, mas as necessidades de adaptações/reformulações de conceitos, reflexão sobre a realidade sociolinguística do falante vão surgindo na medida em que as especificidades linguísticas de cada língua precisam ser contempladas. Essas especificidades se manifestam de formas diferentes de uma língua para outra. Isto pode ser visto em algumas línguas indígenas pelo fato de elas não necessitarem do uso de pronomes nas suas construções de frases. Segundo (CARVALHO, 2008, p. 18), o uso de um pronome é um reflexo de diferentes tipos de traços, que determinam suas características e, conseqüentemente, devem definir seu comportamento sintático.

Pode-se trabalhar com algumas hipóteses. Primeira, considerando que a aldeia é circundada por não índios, os mesmos são bilíngues – Língua Portuguesa e Língua Guarani, esse fato pode contribuir para que ocorram as interferências de uma língua na outra. Talvez isso ocorra porque os alunos indígenas consideram importante a aprendizagem da Língua Portuguesa como possibilidade de inserção na comunidade majoritária; Segunda, o ensino de Língua Portuguesa aos alunos indígenas, contribui para o deslocamento da sua língua materna. Todavia, levando em conta as Políticas Públicas para educação indígena, existe um esforço à manutenção da sua língua materna.

Essas questões buscam fundamentar-se no tema bilinguismo/multilinguismo, embora não seja uma preocupação evidente do meio acadêmico e das instituições educativas da região oeste do Paraná, é um tema emergente e é visto como um fenômeno social que vem ganhando espaço nos debates nacionais havendo várias definições entre os linguistas sobre essa questão. Alguns teóricos consideram que para uma abordagem sociológica da língua é necessário uma aproximação entre a língua e o grupo social falante. Quem fala, quando pode, onde, a propósito de que e com quais interlocutores. [...] a escolha da língua é determinada por sua freqüência de uso em tal ou tal situação, por sua vez determinada pelo grau de bilinguismo ou pelo monolinguísmo dos interlocutores habituais, mas ela também é portadora de índices das relações sociais (VERMES; BOUTET, 1989, p. 180).

Segundo (MAHER, 2007, p. 68), na maioria das escolas brasileiras o bilinguismo é facultativo para os alunos indígenas, para os surdos e imigrantes ele é compulsório. Não havendo opção para os alunos, eles são obrigados a aprender a língua majoritária do país e a se tornar bilíngue. Não fica claro quem deve se tornar bilíngüe: o índio, o surdo, ou os imigrantes e seus descendentes? Segundo a autora, essa questão pode

ser observada não só no Brasil, mas também em outros países quando se evidencia a existência de uma relação de força e poder. Tal fato coloca essa reflexão como essencial para compreensão das desigualdades de poder no cenário no qual se dá a educação para a maioria.

Demonstra-se que essa pesquisa se ancora em dois níveis. Primeiramente, no nível macro, a temática “educação indígena” é contemplada com ênfase nos documentos do governo, o que torna relevante observar como as mesmas se efetivam. Ainda no nível macro, há a necessidade de investigar os conflitos linguísticos na região de fronteiras com o Paraguai e a Argentina, o que pode fornecer com a pesquisa dados que possam subsidiar a comunidade linguística de fronteira.

No contexto micro, há a necessidade de investigar o ensino do português e do guarani na escola estadual *Teko Ñ emoingo*, de Ensino Fundamental, localizada na aldeia de Santa Rosa do Ocoi, escola indígena bilíngue, a qual é um cenário real do encontro de falantes bilíngues.

O multilinguismo tem sido alvo de estudos de teóricos brasileiros como: Cavalcanti (2007/) e (2008), Cesar (2007), Santos (1999) e (2008), Bortoni-Ricardo (2008), Maher (2007) que estudam a língua portuguesa numa perspectiva da sociolinguística interacional. Mesmo assim, ainda são necessários mais pesquisas, nas quais outros aspectos podem ser discutidos nos contextos multilíngues, pois especificamente as interações entre a língua portuguesa e o guarani carecem de mais visibilidade no cenário linguístico nacional.

Segundo DENZIN; LINCONL (1998), e a pesquisa qualitativa têm seu foco multiparadigmático, podendo recorrer à abordagem de múltiplos métodos, tendo compromisso com a perspectiva naturalista e a compreensão interpretativa da experiência humana. Assim os autores contribuem quando colocam a pesquisa qualitativa trata-se de um multimétodo, ocupa-se de abordagem interpretativista, interpretam os fenômenos, seus significados construídos pelas pessoas. [...] A pesquisa qualitativa dispõe de uma ampla série de métodos interconectados, esperando sempre centrar-se no objeto de pesquisa em Reconhecendo a complexidade da pesquisa qualitativa, enquanto conjunto de práticas, que envolve dentro de sua multiplicidade de histórias disciplinares, tensões e contradições no em torno do projeto, incluindo seus métodos e as formas que suas descobertas suas interpretações assumem (DENZIN; LINCONL, 1998, p. 3).

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa atende as necessidades propostas de analisar as marcas contidas nos textos alunos indígenas, isto porque, pesquisa qualitativa prioriza o caminho, o processo e os achados nesse percurso, dando a esses achados linguísticos significados a interpretação das marcas de interferências da língua guarani na produção de textos em língua portuguesa. O tipo de pesquisa que se propõe realizar é de cunho interpretativista etnográfico seguindo o referencial teórico-metodológico elaborado por Bortoni Ricardo (2008), André e Ludke, (1986), Telles, (2002) e outros. A pesquisa etnográfica é o modelo que mais se adequa a investigar e a pesquisar como ocorre a construção da identidade linguístico dos índios guaranis da Aldeia de Santa Rosa do Ocoi, a partir do ensino de língua portuguesa em um contexto multilíngue.

Assim, fundamentados na etnografia dos teóricos acima, pretende-se investigar se existem interferências da língua guarani na estrutura linguística do texto escrito em língua portuguesa pelos alunos do 4º ano, verificando como essas marcas se revelam e com que frequência. Para garantir tal incursão nessa proposta de adequar o objeto de estudo a este tipo de pesquisa considera-se importante compreender algumas características que vão dar um norte a pesquisa etnográfica. Segundo (LUDKE, 1986, p, 15), compreende-se que o pesquisador como sujeito multicultural e que não há janela para averiguar a vida íntima de um indivíduo, qualquer olhar do pesquisador será filtrado pelas lentes da linguagem, do gênero, da classe social, da raça e da etnicidade. Os sujeitos dificilmente conseguem fornecer explicações completas de suas ações ou intenções; tudo o que pode oferecer são relatos, ou histórias, sobre o que fizeram e por que o fizeram. Ao exercer o duplo papel de observador e participante essa interação, permite que o pesquisador em contato com a comunidade da aldeia, possa observar em sala de aula verificar como são construídas, nas práticas sócio-discursivas dos alunos, as identidades linguísticas e culturais neste contexto e suas produções textuais. Quando o pesquisador participar em outros momentos de ludicidade na aldeia poderá investigar a interação entre falantes bilíngues, língua guarani e portuguesa verificando em que medida ocorre o deslocamento linguístico.

O pesquisador precisa desse contato para observar e anotar seus registros a maneira como os sujeitos constroem os significados de seu ambiente, como interagem entre os iguais em momentos de completa informalidade objetivando captar a

subjetividade, aquelas informações que não virão expressas nas entrevistas e nos questionários.

Segundo (TELLES, 2002, p.102) é importante em momentos em sala de aula, manter-se discreto, observar a oralidade em sala de aula e também as práticas de leitura e escrita dos alunos, não opinar e tentar fazer um retrato fiel daquela realidade. Descrever e interpretar a cultura e o comportamento cultural dessas pessoas e grupos.

Segundo (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 58), a etnografia propõe caminhos interessantes para pesquisa sobre interação linguística em sala de aula. O que faz da pesquisa etnográfica uma das vertentes muito utilizadas quando a pesquisa esta relacionada com estudos lingüísticos. Para essa autora, a vertente etnográfica propõe uma teoria de aprendizagem baseada na interação verbal em sala de aula.

A pesquisa necessita de um corpus, nesse trabalho ele constitui-se de elementos dinâmicos de uma região de fronteira (Brasil / Paraguai/ Argentina), onde convivem diferentes línguas: português, espanhol e guarani, mas principalmente um corpus que será coletado da produção escrita dos alunos 4º ano e dos documentos analisados; a Constituição Federal; Diretrizes Nacionais; Currículo proposto pelo Núcleo Regional de Ensino de Foz do Iguaçu, objetivando pesquisar as políticas públicas para os indígenas. De todos esses elementos, a produção textual dos alunos indígenas será uma das questões mais específicas das investigações. Pretende-se investigar, nos textos dos alunos indígenas, se existem interferências da língua guarani na estrutura linguística do texto escrito em língua portuguesa, verificando como essas marcas se revelam e com que frequência.

Pretende-se desenvolver um trabalho de analisar os textos de oito alunos. Tendo em vista a problemática apresentada, a coleta de dados dos textos e sua análise consistirão em elementos essenciais ao corpus dessa pesquisa.

Baseados nos pressupostos de (Bortoni-Ricardo 2008, p.78), a fase da coleta de dados são também de familiarização com pessoas e da aceitação do pesquisador no campo. Essa fase é vista como um procedimento intuitivo e mais que uma observação, se pretende tomar notas, levar em conta a forma de interpretação também do observado. Para garantir maior confiabilidade na pesquisa, serão utilizados os seguintes instrumentos: documentos, diário de campo, observação participativa, entrevistas e questionários.

Outra questão reside no argumento posto por (LUDKE, 1986, p. 22), sobre a importância de se trabalhar com fontes documentais segundo a autora Documentos são todos os materiais escritos, esses, podem ser utilizados para dar subsídio à pesquisa, entre os documentos estão: regulamentos, normas pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, rádio, televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares. A análise documental representa uma fonte natural de informação de determinado contexto e período histórico.

O diário de campo é um dos instrumentos essenciais que deve ser providenciado para as anotações das visitas à aldeia indígena. A prática de releitura das notas do diário possibilita um registro mais fiel ao percebido, tornando-se um método eficaz que permite registrar os acontecimentos recentes com riqueza de detalhes. Pretende-se anotar no diário: A organização de um cronograma de visitas a aldeia e repassá-lo a diretora da escola indígena; A dinâmica diária de funcionamento da escola; Os momentos de ludicidade nos intervalos; O comportamento lingüístico dos alunos com os professores ao utilizarem a língua materna ou a L2, em sala de aula.

Ao utilizar-se das técnicas de observação participativa é fazer uso dos sentidos para captar aspectos da realidade, para essa forma de observação participativa o teórico Erickson (1989), pode contribuir:

Una tarea fundamental en La pesquisa observacional interpretativista y¹ participativa sobre La enseñanza consisten en posibilitar que los pesquisadores y los participantes se vuelven mucho más para comprensión de distinciones entre una clase y outra. Eso implica en construir una teoría mejor sobre La organización social y cognitiva de formas particulares de La vida en su clase como ambientes inmediatos para aprendizaje de los alumnos (ERICKSON, 1989, p.230).

Pretende-se fazer um exercício dialético de aproximação, seguido de um distanciamento estratégico para reflexão sobre a relação teoria e prática do que foi observado, na tentativa de abstrair e refletir sobre o objeto observacional sob a perspectiva teórica da sociolingüística.

¹ Uma tarefa fundamental na pesquisa observacional interpretativista e participativa sobre o ensino consistem em possibilitar que os pesquisadores e os participantes se voltem muito mais para compreensão de diferenças entre uma aula e outra. Isto implica em construir uma teoria melhor sobre a organização social e cognitiva de formas particulares da vida em sua aula como ambientes imediatos para aprendizagem dos alunos (ERICKSON, 1989, p.230).

Para isso: No primeiro momento, o contato com os indígenas será uma observação informal junto a um evento cultural promovido pelos membros da aldeia. O pesquisador será cauteloso para que esse primeiro contato seja agradável e a visita informal possa render dados interessantes para compor o “corpus” da pesquisa. O fato de conhecer parte da realidade de uma aldeia pode causar algumas emoções ainda não muito definidas, quem sabe cause espanto, indignação pela marginalização dessa minoria. Acredita-se que há probabilidade de nos primeiros contatos emergir um sentimento de brasilidade causado pela percepção desse novo universo cultural real a ser descoberto. O contato com o povo da aldeia se dará com alguns membros, o Cacique, alguns professores e alunos da escola.

O segundo momento a observação ficará mais participativa. Na cultura indígena existe uma hierarquia muito rígida a ser seguida, assim a primeira visita formal tem que ser com a autoridade máxima da aldeia. Essas visitas iniciais vão buscar a interação com a comunidade escolar professores, diretores e colaboradores e outros; objetivando minimizar a resistência dos professores e demais membros assegurando-lhes de questões que na aplicação de questionários, entrevistas, as questões mais particulares serão refletidas sob a luz da ética e do sigilo, e em caso de publicação da pesquisa as pessoas envolvidas serão consultadas.

O terceiro momento refere-se à tabulação e triangulação dos dados, por meio de aplicação e uso de mais de uma fonte de dados para assim reforçar a validade e fidedignidade da pesquisa, ou seja, a convergência de resultados a partir de diferentes métodos. O resultado da geração de registros é uma incógnita nessa fase da pesquisa, entretanto podem-se arriscar modestas inferências uma delas é que não serão resolvidos com uma pesquisa os problemas encontrados na aldeia, pois a questão do indígena transcende o espaço daquela comunidade. Considerando as limitações de uma pesquisa se conseguir refletir junto com os indígenas sobre sua identidade cultural e fomentar um debate, um movimento reflexivo da sociedade nesse sentido, creio que será um avanço significativo. O ensino da língua portuguesa é apenas uma porta de entrada para conhecer mais sobre a identidade linguístico-cultural dos Avás-Guaranis.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. GUIMARÃES, Eduardo. (org) (2008). **Os falantes e as línguas: multilinguismo e ensino**. O português enquanto Língua Nacional. Cefiel/IEL/Unicamp.
- BORTONI, R. S. M. (2008). **O professor pesquisador**: introdução a pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola.
- CARVALHO, Danniel da S. (2008). **A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Alagoas. 150ff.
- CAVALCANTI, Marilda. (1999). **Estudo sobre educação bilíngue escolarização em contexto de minorias lingüísticas no Brasil**. DELTA V. 15. São Paulo.
- CÉSAR, América. L.; CAVALCANTI, Marilda C. MARILDA C.; BORTONI, R. S. M. (orgs). (2007). **Transculturalidade, linguagem, e educação**. Do Singular para o multifacetado o conceito de língua como caleidoscópio Campinas, SP: Mercado das Letras.
- DENZIN, Normam ; LINCOLN S. Yvonna. (2006). **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. (1986). **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**, Editora Pedagógica e Universitária Ltda.
- MAHER, Terezinha M. (2007). **Transculturalidade, linguagem, e educação**. Do Singular para o multifacetado o conceito de língua como caleidoscópio Campinas, SP: Mercado das Letras.
- SANTOS, Maria. E. P. ; CAVALCANTI, M. DO C. (2008). **Identidades híbridas, linguagens provisórias alunos “ brasiguaios” em foco**. Trabalhos em Linguística Aplicada. v. 47 n. 2 Campinas Julho/dezembro.
- TELLES, J. (2002). **“É pesquisa é? Ah, não quero, não, bem!”**: sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. Linguagem e Ensino, v. 5, n. 2, p. 91-116.
- VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane. (1989). **Multilinguismo**. Tradução: CRUZ, Celene M., MEIRA Deyzeli, MATOS, M. A. B., GIMENO, M. H. L., OTONI, P., ALKMIN, T. Campinas: Unicamp.
- WITTRÖCK, Merlin (org); ERICKSON, Frederick. (1989). **La investigación de la enseñanza, II - Métodos Qualitativos y de observación**. Barcelona; Buenos Aires; México; Paidós.